

**O afastamento do trabalho dos profissionais de enfermagem  
associado aos Transtornos Mentais e Comportamentais**

***Leave from work of nursing professionals associated with  
Mental and Behavioral Disorders***

***Licencias laborales de profesionales de enfermería asociadas a  
Trastornos Mentales y del Comportamiento***

Márcia Silva Conceição<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciência da Saúde pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Enfermeira pela Secretaria Municipal de Saúde do município de Boa Vista, RR. **E-mail:** [marciaconceicao\\_32@hotmail.com](mailto:marciaconceicao_32@hotmail.com),  
**ORCID:** <https://orcid.org/0009-0004-4756-6164>

**Resumo:** Os Transtornos Mentais e Comportamentais (TMCs) estão entre as principais doenças relacionadas ao trabalho, ocupando a terceira posição entre as causas de afastamentos por longos períodos. Assim, os objetivos deste estudo são descrever os fatores de riscos para o adoecimento por TMCs dos profissionais da enfermagem; identificar os principais TMCs responsáveis pelo afastamento desses profissionais; descrever o seu perfil sociodemográfico e os principais fatores de risco relacionados ao ambiente laboral. Trata-se de uma revisão de literatura, com caráter descritivo e exploratório, no período de 2016 a 2020, realizada em bases de dados. A partir da análise dos dados, concluiu-se que as instituições de saúde devem buscar a prevenção de agravos psíquicos e físicos dos profissionais de enfermagem, promovendo um ambiente de trabalho saudável, com abordagens inovadoras que reconheçam a vulnerabilidade da enfermagem como força de trabalho nos sistemas de saúde.

**Palavras-chave:** enfermagem; saúde mental; saúde do trabalho.

**Abstract:** Mental and Behavioral Disorders (TMCs) are among the main work-related illnesses, occupying the third position among the causes of leaves for long periods. Thus, the aims of this study are to describe the risk factors for illness, due to TMCs among nursing professionals; identify the main TMCs responsible for the removal of these professionals; describe your sociodemographic profile and the main risk factors related to the work environment. This is a literature review, with a descriptive and exploratory character, from 2016 to 2020, carried out in databases. Based on data analysis, it was concluded that health institutions should seek to prevent psychological and physical harm to nursing professionals, promoting a healthy work environment, with innovative approaches that recognize the vulnerability of nursing as a workforce in the health systems.

**Keywords:** nursing; mental health; occupational health.

**Resumen:** Los Trastornos Mentales y del Comportamiento (TMC) se encuentran entre las principales enfermedades relacionadas con el trabajo, ocupando el tercer lugar entre las causas de ausencias de larga duración. Así, los objetivos de este estudio son describir los factores de riesgo de enfermedad por TMC entre los profesionales de enfermería; identificar las principales TMC responsables del despido de estos profesionales; Describa su perfil sociodemográfico y los principales factores de riesgo relacionados con el ambiente laboral. Se trata de una revisión de la literatura, de carácter descriptivo y exploratorio, de 2016 a 2020, realizada en bases de datos. Del análisis de los datos se concluyó que las instituciones de salud deben buscar prevenir lesiones físicas y mentales entre los profesionales de enfermería, promoviendo un ambiente de trabajo saludable, con enfoques innovadores que reconozcan la vulnerabilidad de la enfermería como fuerza laboral en los sistemas de salud.

**Palabras clave:** enfermería; salud mental; salud ocupacional.

## **1 INTRODUÇÃO**

O trabalho é uma ocupação necessária e importante para a sobrevivência e realização pessoal dos indivíduos, contribuindo para sua estabilidade financeira, estruturação da vida cotidiana, interação social e o desenvolvimento pessoal. Ao longo dos anos, no cenário mundial, as condições e a força de trabalho têm passado por inúmeras transformações de ordem política, econômica e social, importantes desencadeadores das alterações do estilo de vida e do desenvolvimento de agravos à saúde pelo trabalhador, em especial o adoecimento mental, principalmente naqueles profissionais que atuam em instituições de saúde.

A atuação na área da saúde exige uma dinâmica de trabalho diferenciada das demais, com maior atenção, trabalho em conjunto e coordenado e uma organização particular, expondo seus trabalhadores a diferentes tipos de cargas laborais (físicas, químicas, biológicas, mecânicas, fisiológicas e psíquicas), além de uma forte demanda emocional.

Dentre esses trabalhadores, a enfermagem representa o maior contingente da força de trabalho no serviço de saúde, expondo-se rotineiramente a múltiplos e variados fatores desencadeantes de doenças e a inumeráveis situações que levam ao desgaste físico e emocional no seu dia a dia e, conseqüentemente, ao desenvolvimento dos Transtornos Mentais e Comportamentais (TMCs).

Os TMCs são caracterizados por alterações no humor, nas emoções, no pensamento e no comportamento, causando sintomas como fadiga, irritabilidade, insônia, cansaço, dificuldade de concentração, esquecimento, ansiedade e queixas somáticas que comprometem a qualidade de vida, o estado biopsicossocial, as relações interpessoais, pessoais e profissionais do indivíduo.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2020), os TMCs representam 13% do total de todas as doenças no mundo, atingindo 700 milhões de pessoas. Cerca de 5% da população mundial sofre com depressão, totalizando 350 milhões de pessoas, e aproximadamente 10 milhões são acometidas pela ansiedade. No Brasil, a depressão atinge 10% da população, ocupando a 5ª posição nos casos de depressão (5,8%) no âmbito mundial e a maior taxa de ansiedade (9,3%).

Os TMCs estão entre as principais doenças relacionadas ao trabalho, atingindo uma média anual de 6,2% dos trabalhadores. Estudos têm revelado prevalências elevadas de TMCs entre trabalhadores/as de saúde, com proporções que variaram de 16% a 46,9%, em diferentes regiões do Brasil, ocupando a terceira posição entre as principais causas de afastamentos laborais por longos períodos, com auxílio-doença no Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) (Sousa *et al.*, 2021).

No período de 2004 a 2013, os benefícios do tipo auxílio-doença acidentário por diagnósticos de TMC teve um aumento de 615 para 12.818 na concessão, gerando redução da capacidade funcional, produtividade, exclusão social, estigmatização de trabalhadores, impactos negativos e custos adicionais para as instituições e a economia do país (Oliveira *et al.*, 2019).

A presença de TMC repercute negativamente também na qualidade da assistência prestada ao usuário pelos profissionais de enfermagem, nas suas relações com a equipe de trabalho, satisfação com o trabalho, nos indicadores organizacionais e no andamento do serviço de saúde.

Diante dessa problemática, pretende-se responder ao seguinte problema de pesquisa: quais fatores ocupacionais contribuem para o afastamento dos profissionais de enfermagem por transtornos mentais e comportamentais? Assim, os objetivos propostos neste estudo foram descrever os fatores de riscos para o adoecimento por transtornos mentais e comportamentais dos profissionais da enfermagem; identificar os principais transtornos mentais e comportamentais responsáveis pelo afastamento dos profissionais de enfermagem; descrever o perfil sociodemográfico desses profissionais e os principais fatores de risco relacionados ao ambiente laboral.

## 2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura, com caráter descritivo e exploratório, cuja análise dos resultados permitiu descrever minuciosamente as peculiaridades do tema proposto. O levantamento foi realizado nas bases de dados *Medline* via *PubMed*, *Medline* via *Biblioteca Virtual de Saúde* (BVS), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Literatura Latino-Americana e

do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), com o recorte temporal do tema de 5 anos (2016 a 2020). A coleta de dados foi realizada entre os meses de janeiro e março de 2020.

Para a pesquisa, foram utilizados os descritores: transtornos mentais, afastamento, profissionais de enfermagem. Os critérios de inclusão utilizados foram: artigos, teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso publicados de janeiro de 2016 a abril de 2020, textos disponíveis na íntegra, idioma português, que respondessem aos objetivos do estudo. Foram excluídos trabalhos publicados incompletos, em outro idioma (inglês e espanhol) e que não respondiam aos objetivos.

Após a pré-seleção dos artigos de acordo com critérios preestabelecidos, uma segunda análise foi realizada, por meio da leitura analítica e exploratória das publicações pré-selecionadas para decidir inclusão ou exclusão dessas produções, o que permitiu a sintetização e fixação das ideias essenciais para a solução do problema da pesquisa, ressaltando as ideias principais e os dados mais importantes.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Foram analisados 28 trabalhos, sendo os resultados organizados em 3 categorias: os principais TMCs responsáveis pelo afastamento dos profissionais de enfermagem; perfil sociodemográfico e ocupacional dos profissionais afastados; e os fatores de riscos para o desenvolvimento dos TMCs no ambiente de trabalho.

#### **3.1 Os principais transtornos mentais e comportamentais responsáveis pelo afastamento dos profissionais de enfermagem**

Conforme os estudos de Rocha *et al.* (2020), os principais TMCs identificados nos afastamentos dos trabalhadores de enfermagem foram a depressão, a ansiedade, o estresse e a síndrome de burnout.

Oliveira *et al.* (2019) identificaram o predomínio dos episódios depressivos moderados (24,1%), seguidos pelo transtorno misto ansioso (19,8%) e pela ansiedade generalizada (12,9%).

Santana *et al.* (2016) também evidenciaram uma frequência significativa de depressão (52,72%) como a principal causa de afastamento, seguida dos transtornos ansiosos (18,18%) e de reação ao estresse (16,36%).

A prevalência da depressão é influenciada pelos aspectos psicossociais do trabalho da equipe de enfermagem, uma vez que as atividades realizadas por esses profissionais exigem alto grau de organização, produção em alta escala, realização em tempo hábil e um maior controle emocional (Sousa, 2017; Schmidt; Barbosa; Rotoli, 2018).

A ansiedade é um dos fatores que mais interferem na saúde mental e do trabalho da enfermagem, uma vez que os profissionais com ansiedade apresentam mais chances de reduzir a sua capacidade no ambiente de trabalho (Fernandes *et al.*, 2019).

Quando o profissional de enfermagem não se adapta às situações e imposições do ambiente e à rotina de trabalho, o estresse é um fator predominante, que desencadeia vários sintomas, os quais afligem tanto o psicológico como o físico do profissional, resultando em esgotamento físico e emocional, decepção e perda de interesse pelas atividades exercidas (Ribeiro *et al.*, 2019).

A síndrome de burnout aparece na maioria das produções científicas associada a estratégias de enfrentamento desenvolvidas pelo trabalhador em resposta ao estresse emocional e interpessoal devido ao processo de trabalho, gerando desconforto que leva o indivíduo ao afastamento de suas atribuições (Schmidt; Barbosa; Rotoli, 2018; Ribeiro *et al.*, 2019). O tempo de afastamento devido à alta incidência dos episódios depressivos foi superior a 30 dias (Schmidt; Barbosa; Rotoli, 2018). No Quadro 1, encontra-se um comparativo com a identificação dos principais TMCs de cada estudo selecionado.

Quadro 1 – Comparativo com a identificação dos principais TMCs de cada estudo selecionado

Autor/ano	Principais TMCs
Arruda (2019)	Depressão; ansiedade.
Oliveira <i>et al.</i> (2019)	Depressão; ansiedade.
Pinhatti <i>et al.</i> (2018)	Depressão; ansiedade.
Rocha <i>et al.</i> (2020)	Depressão, ansiedade, estresse, síndrome de burnout.

Autor/ano	Principais TMCs
Santana <i>et al.</i> (2016)	Ansiedade; estresse; transtornos hipercinéticos; insônia não orgânica; episódio maníaco; transtorno bipolar e transtornos de humor.
Schmidt, Barbosa e Rotoli (2018)	Depressão; estresse.

Fonte: elaborado pelas autoras (2023).

Comparando o índice de dias de afastamento segundo a categoria profissional, os transtornos que geraram mais dias de afastamentos entre os enfermeiros foram os ansiosos, totalizando 5 dias, e nos técnicos e auxiliares de enfermagem predominaram os episódios depressivos, com 129 e 53 dias de absenteísmo, respectivamente (Santana *et al.*, 2016).

### **3.2 Perfil sociodemográfico e ocupacional dos profissionais de enfermagem afastados**

Quanto às características sociodemográficas dos afastamentos devido à DPM, pode-se observar a predominância do sexo feminino, em todos os estudos, com porcentagens que variaram de 71% a 90,5%, especialmente no setor hospitalar (Sousa, 2017; Fernandes; Soares; Silva, 2018; Arruda, 2019; Oliveira *et al.*, 2019).

Visto que a enfermagem é uma profissão exercida essencialmente por mulheres no Brasil (85,1%), a hegemonia feminina era esperada (Sousa, 2017; Pinhatti *et al.*, 2018).

Em estudo de Oliveira *et al.* (2019), a incidência de afastamentos por transtornos de humor foi maior para o sexo feminino, enquanto para o sexo masculino a maior ocorrência foi de transtornos ansiosos. Santana *et al.* (2016) observaram que, tanto para a população masculina quanto para a feminina, a principal causa de afastamento esteve relacionada aos episódios depressivos, representando uma frequência de 50% dos registros e 66,5% dos dias de absenteísmo entre as mulheres, e, entre os homens, 53,84% de registros e 70,68% dos dias de afastamentos.

Apesar de homens e mulheres compartilharem condições semelhantes de trabalho, os papéis e comportamentos sociais desempenhados por estes na sociedade, possuem consideráveis diferenças do ponto de vista do adoecimento mental. A inserção significativa das mulheres no mercado de trabalho remunerado, observada nas últimas décadas, não foi acompanhada pela redução da sua jornada em relação à execução das atividades domésticas e/ou pelo aumento proporcional da participação masculina na realização dessas (Sousa, 2017; Pinhatti *et al.*, 2018).

Pinhatti *et al.* (2016) afirmam que as mulheres que possuem companheiros, filhos e ainda desenvolvem atividades laborais estão sujeitas a uma sobrecarga de atividades no seu dia a dia, enfrentando duplas ou triplas jornadas de trabalho, o que contribui para a predisposição feminina ao adoecimento mental.

Considerando que a criação dos filhos é uma função essencialmente feminina, também pode estar correlacionada à menor taxa de TMC entre os homens, quando comparados às mulheres (Sousa, 2017).

Embora a família esteja em processo de redefinição de responsabilidades, o trabalho doméstico e a criação dos filhos ainda são assumidos em grande parte pelas mulheres, e, mesmo quando não assumem as responsabilidades com os afazeres da casa, cabe a elas a organização da vida doméstica por meio da delegação de tarefas e supervisão (Sousa, 2017).

A faixa etária predominante nos estudos foi de 31 a 49 anos, como apresentado por Oliveira *et al.* (2019), em que a faixa etária entre 31 e 40 anos apresentou a maior frequência de afastamentos (64, 57,7%) e média de  $35,7 \pm 6.6$  anos. Em estudos de Arruda (2019), a idade variou entre 41 e 49 anos (43%), enquanto em Schmidt, Barbosa e Rotoli (2018), a faixa etária variou de 37 a 62 anos.

Sousa (2017) afirma que a relação entre presença ou não de TMC e a renda salarial é inversamente proporcional, ou seja, quanto menor a renda, maior o risco para TMC, com maior prevalência de TMC entre os indivíduos com renda familiar inferior a quatro salários mínimos. Em estudos de Santana *et al.* (2016), foi observado que o maior número de afastamentos, correspondente a 90,90%, foram daqueles com renda entre R\$ 430,15 e R\$ 553,74.

A renda familiar esteve associada significativamente com a presença de TMCs nos estudos analisados, uma vez que causam estresse e insegurança, privação de situações que exigem recursos financeiros, como o lazer e para o convívio social, ou obrigam o indivíduo a ter mais de um vínculo empregatício para suprir as necessidades financeiras, o que contribui para um nível elevado de desgaste físico, emocional e, conseqüentemente, o adoecimento, a expectativa de esse indivíduo obter uma renda alta que proporcionaria melhores condições de vida (Santana *et al.*, 2016; Santos *et al.*, 2020).

Ao avaliar o número de afastamentos em relação à categoria profissional, observou-se a prevalência do técnico de enfermagem, com porcentagens que variaram de 29,09% a 68,1%, seguido dos auxiliares de enfermagem (Santana *et al.*, 2016; Schmidt; Barbosa; Rotoli, 2018; Oliveira *et al.*, 2019; Santos *et al.*, 2020).

Para muitos profissionais, a opção pelo curso técnico de enfermagem foi norteadada pelas condições financeiras na época da escolha, uma vez que, no cenário nacional, o curso profissionalizante ou técnico é uma das opções consideradas pelos indivíduos para se ter acesso a uma melhoria de vida. No entanto, após constatada a realidade encontrada da profissão, muitos técnicos de enfermagem têm o desejo de mudar de ocupação para uma profissão mais bem remunerada e socialmente mais valorizada, permanecendo no exercício de suas atividades apenas para poderem se sustentar, o que pode gerar sentimento de insatisfação, frustração e desmotivação (Santos *et al.*, 2020).

A ocorrência de maiores agravos na categoria profissional auxiliar/técnico de enfermagem pode ser explicada pelo quantitativo desses profissionais nas equipes no ambiente hospitalar e pelos agentes estressores vivenciados no desenvolvimento de suas atividades, como elevada demanda de procedimentos, baixa remuneração, as condições de trabalho, o contato mais próximo com o paciente e familiares, longos períodos em pé, relacionamentos no ambiente laboral, o desrespeito, a falta de incentivo e reconhecimento pelo trabalho realizado, o que pode sugerir a maior susceptibilidade destes profissionais ao adoecimento psíquico refletido em sentimentos de ansiedade, irritabilidade, angústia e insatisfação (Santana *et*

*al.*, 2016; Pinhatti *et al.*, 2018; Santos *et al.*, 2020). Além disso, essa categoria profissional lida com a hierarquização de funções e saberes, executando ações que outros profissionais da saúde do hospital elaboram, o que pode gerar conflitos e paradoxos nas relações de trabalho, uma vez que não participam diretamente das decisões relacionadas ao seu trabalho, afetando a sua autonomia dentro do processo laboral (Santos *et al.*, 2020).

Em relação aos setores de trabalho da enfermagem, a internação apresentou maior número de afastamentos por transtornos mentais e comportamentais, observando-se percentual de 31,3% (36), seguido pelo ambulatório, com 15,7% (18) (Oliveira *et al.*, 2019).

Segundo Santana *et al.* (2016), os setores de trabalho com maior frequência de registros foram as Unidades de Terapia Intensiva (UTI), com 21,81%, os setores de pronto atendimento (emergência e pronto-socorro), com 10,90%, e as unidades cirúrgicas, com 9,09%.

O ambiente de trabalho em saúde, particularmente em hospitais, vem sendo considerado insalubre por agrupar diversos fatores que contribuem para o adoecimento do profissional que nele desenvolve suas atividades laborais; dentre eles, destacam-se: a complexidade dos agravos, exigência, cuidado eminente, procedimentos, técnicas e ambiente estressante (Rocha *et al.*, 2020). Cada setor do hospital gera um determinado fator estressor no profissional de enfermagem, uma vez que cada setor possui diferentes atribuições e responsabilidades, cobranças internas e externas de intensidades variáveis, principalmente naqueles setores que exigem maior atenção e que apresentam uma dinâmica diferenciada de trabalho (Sousa, 2017; Oliveira *et al.*, 2019).

As clínicas consideradas mais estressantes em ambiente hospitalar estão as de psiquiatria, geriatria, oncologia, terapia intensiva (UTI) e os centros cirúrgicos (Rocha *et al.*, 2020).

### **3.3 Fatores de risco para o desenvolvimento dos TMCs no ambiente de trabalho**

Diversos aspectos no âmbito do trabalho contribuem para o desenvolvimento dos transtornos mentais e comportamentais pelos profissionais

da enfermagem, como a exposição cotidiana a riscos biológicos, químicos e ergonômicos, cargas psíquicas e emocionais, além de situações que podem potencializar a tensão e o estresse associadas à complexidade, dinâmica do trabalho e vida profissional (Santana *et al.*, 2016; Rocha *et al.*, 2020).

A enfermagem é uma das profissões mais estressantes do setor público, tanto pelas cargas psicológicas relacionadas ao risco iminente de morte do paciente e ao atendimento aos seus familiares, como por fatores ocupacionais, sobrecarga e jornadas excessivas de trabalho, falta de reconhecimento social do trabalho, baixa remuneração, processos de trabalho e relações interpessoais da equipe. Os estudos analisados identificaram como principais fatores ocupacionais relacionados ao desenvolvimento de TMCs: a sobrecarga e jornadas excessivas, o excesso de atividades executadas, número reduzido de profissionais por serviço, o ritmo excessivo de trabalho, baixa remuneração, dupla ou tripla jornada e os processos de trabalho (Fernandes; Soares; Silva, 2018).

A jornada de trabalho excessiva é um dos principais fatores desencadeantes de depressão nos profissionais de enfermagem, sendo referido por 60% daqueles afastados por TMC em estudos de Rocha *et al.* (2020), ocorrendo, muitas vezes, devido à falta de pessoal, cobranças por resultados, duplo vínculo empregatício, alta demanda de pacientes e carência de pessoal qualificado (Arruda, 2019; Oliveira *et al.*, 2019; Ribeiro *et al.*, 2019).

Quando o profissional trabalha com uma carga horária excessiva, compromete sua capacidade de produzir e, conseqüentemente, seu desempenho diminui, o que, aliado ao desgaste físico e/ou emocional, denota graves prejuízos na conjuntura psicológica do indivíduo (Ribeiro *et al.*, 2019).

No processo de trabalho, o profissional de enfermagem pode exercer cargos diferenciados, sendo necessário um esforço para responder às demandas que lhe são apresentadas. Quando estes profissionais são submetidos a um processo de trabalho intenso, complexo e maior do que sua habilidade de adequação, provoca-se insatisfação, estresse e nutre-se a sensação de adoecimento neles, pois as exigências excedem a capacidade do trabalhador de processar ou cumpri-las, inviabilizando o melhor desempenho no trabalho e comprometendo a sua produtividade (Fernandes; Soares; Silva, 2018).

Nos estudos analisados, foram citados também a falta de equipamentos e recursos materiais, estrutura física inadequada, insuficiência e mau funcionamento de equipamentos, constante busca por aprimoramentos diante do avanço tecnológico e científico, alta rotatividade dos plantões, postos de trabalho inadequados, a postura inadequada repetida durante todo o dia, resultando no aumento da frequência de dores musculoesqueléticas, comprometimento do padrão de sono e vigília (Fernandes; Soares, Silva, 2018; Pinhatti *et al.*, 2018; Ribeiro *et al.*, 2019).

As pressões psicológicas que os trabalhadores são submetidos no ambiente laboral têm diversas situações de origem da saúde mental e do trabalho, como: a exigência de maior produtividade em um período de tempo insuficiente, as demandas conflitantes do trabalho, a responsabilidade com a assistência e segurança do paciente, relacionamento com familiares dos paciente, altas cargas psicológicas (morte, sofrimento e cuidados intensivos), carga emocional advinda do acolhimento, autoestima deficitária e perda de motivação, ausência de respaldo institucional e de comunicação (Fernandes; Soares; Silva, 2018; Pinhatti *et al.*, 2018; Oliveira *et al.*, 2019; Ribeiro *et al.*, 2019).

As condições precárias de trabalho da equipe de enfermagem, aliadas à situação de vida e ao não reconhecimento pelo esforço no trabalho pela instituição e sociedade, são fontes de estresse negativo e podem provocar cansaço, distúrbios do sono, exaustão profissional e a insatisfação de vida, tornando estes susceptíveis ao desenvolvimento da síndrome de burnout e da depressão (Fernandes; Soares; Silva, 2018; Ribeiro *et al.*, 2019).

A falta de reconhecimento do trabalho da equipe de enfermagem pela sociedade e/ou instituição frustra as expectativas dos profissionais, por eles não se sentirem valorizados pelo que produzem, passando a render em escala cada vez menor no trabalho (Fernandes; Soares; Silva, 2018; Ribeiro *et al.*, 2019).

Ferreira e Dias (2017) observaram que a insatisfação dos profissionais por não serem valorizados ou pelo baixo reconhecimento no que diz respeito ao seu processo de trabalho, apesar de se esforçarem ao máximo em suas atribuições, gera a angústia e o estresse.

A insatisfação com a renda é, sem dúvida, o principal fator de frustração e estresse laboral de um profissional de enfermagem, que, para obter uma renda satisfatória, necessita, muitas vezes, possuir duplo vínculo empregatício, o que provoca o absenteísmo, maior número de acidentes no trabalho, aumento das chances de erros na ministração das medicações e dificuldades no planejamento pessoal para manutenção de período de lazer (Sousa, 2017; Rocha *et al.*, 2020).

Os profissionais de enfermagem apresentaram, ainda, um alto nível de estresse decorrente das relações interpessoais conflituosas dentro da própria equipe, como também com outros profissionais, pacientes e seus familiares. Em relação à equipe de enfermagem, podem ser citados fatores como o conflito de interesses, falta de diálogos e imperícia (Rocha *et al.*, 2020).

Sousa (2017) afirma que, quando o estilo de liderança dos supervisores envolve preocupação com o apoio ao trabalhador no desenvolvimento de suas atividades, verifica-se maior envolvimento deste com o trabalho. O apoio proveniente dos colegas estimula a sensação de pertencimento ao grupo e eleva o envolvimento com o trabalho. O ambiente laboral torna-se mais agradável e os/as trabalhadores se sentem mais satisfeitos, ainda que demandas elevadas estejam presentes (Sousa, 2017).

Em relação aos pacientes, por mais que a equipe de enfermagem realize o cuidado, na maioria das vezes reclamam do atendimento, seja pela falta de vínculo do profissional com o paciente, seja pelo estresse que vivem naquele momento (Rocha *et al.*, 2020).

Outro fator causal é a violência no trabalho, uma vez que a enfermagem é a área da saúde mais exposta à violência durante a atividade laboral, devido ao predomínio do sexo feminino no seu exercício e ao contato constante com o paciente e seus familiares, repercutindo de forma negativa na satisfação e no reconhecimento no trabalho (Fernandes; Soares; Silva, 2018).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O ambiente e as condições de trabalho são reconhecidos como fatores de desgaste físico, emocional e mental nos trabalhadores do serviço de

saúde, gerando apatia, desânimo, raiva, irritabilidade, ansiedade, despersonalização e inércia, acarretando queda na produtividade, no desempenho e na satisfação.

Um ambiente laboral seguro e saudável é primordial para a manutenção e promoção da saúde física e mental do trabalhador, garantindo sua qualidade de vida, satisfação e realização pessoal.

Sendo assim, as instituições de saúde devem buscar a prevenção de agravos psíquicos e físicos, especialmente nos profissionais de enfermagem, que representam o maior contingente dentre as categorias inseridas nesses estabelecimentos, essenciais na prestação do cuidado e assistência integral, que cada vez mais estão sendo acometidos por transtornos mentais e comportamentais.

As políticas de saúde do trabalhador devem considerar as peculiaridades que envolvem o exercício laboral de cada categoria profissional de enfermagem, em diferentes cenários, diversidades regionais, sociais, econômicas e culturais, no intuito de contribuir para uma transformação no processo de trabalho e diminuição do adoecimento e afastamento dos trabalhadores, minimizando os impactos negativos de ordem individual, coletivos, institucionais ou previdenciários.

Minimizar os efeitos adversos das condições de trabalho e promover ambientes saudáveis constitui-se um desafio para os gestores, pois extrapola ações de âmbito individual e exige intervenções coletivas, mudanças estruturais, comportamentais e gerenciais, necessitando de abordagens inovadoras que reconheçam a vulnerabilidade da enfermagem.

Os resultados aqui apresentados podem contribuir para uma maior visibilidade quando se trata de adoecimento e afastamento dos profissionais de enfermagem devido aos Transtornos Mentais e Comportamentais, subsidiando a formulação e implementação de políticas de saúde e estratégias de promoção e prevenção da saúde mental e do trabalho voltadas para esta categoria profissional, inclusive para o suicídio, bem como a reorganização das condições de trabalho, diminuindo a sobrecarga, valorizando sua atuação e a adequada atenção à saúde desses trabalhadores.

Estimula-se, ainda, a realização de novas pesquisas com investigação ampliada acerca dos afastamentos laborais por transtornos mentais e

comportamentais em profissionais de enfermagem e outros profissionais de saúde, com o intuito de identificar e realizar medidas importantes para o seu bem-estar, bem como para a redução do afastamento do trabalho.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, F. S. *Transtornos mentais menores que acometem os profissionais de enfermagem*. TCC (Bacharelado em Enfermagem) – Centro Universitário São Lucas, Porto Velho, 2019.

FERNANDES, M. A.; SOARES, L. M. D.; SILVA, J. S. Transtornos mentais associados ao trabalho em profissionais de enfermagem: uma revisão integrativa brasileira. *Revista Brasileira de Medicina do Trabalho*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 218-24, 2018. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/rbmt.org.br/pdf/v16n2a13.pdf>. Acesso em: mar. 2020.

FERREIRA, G. B.; DIAS, C. C. A importância da qualidade de vida no trabalho e da motivação dos colaboradores de uma organização. *Psicologia e Saúde em Debate*, Patos de Minas, v. 3, n. 2, 2017.

OLIVEIRA, D. M.; ALENCAR, N. M. B. M.; COSTA, J. P.; FERNANDES, M. A.; GOUVEIA, M. T. O.; SANTOS, J. D. M. Afastamento do trabalho por transtornos mentais e comportamentais entre profissionais de enfermagem. *Revista Cuidarte*, v. 10, n. 2, 2019. Doi: <https://doi.org/10.15649/cuidarte.v10i2.631>

PINHATTI, E. D. G.; RIBEIRO, R. P.; SOARES, M. H.; MARTINS, J. T.; LACERDA, M. R. Distúrbios psíquicos menores na enfermagem: prevalência e fatores associados *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 71, Suppl 5, p. 2176-83, 2018. Doi: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0028>

ROCHA, M. E.; FREIRE, C. P.; REIS, W. P. D.; VIEIRA, L. T. Q.; DE SOUSA, L. M. Fatores que ocasionam o índice de transtornos depressivos e de ansiedade em profissionais de enfermagem: uma revisão bibliográfica. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 9288-305, fev. 2020. Doi: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n2-296>

SANTANA, L. L.; SARQUIS, L. M. M.; BREY, C.; MIRANDA, F. M. D.; FELLI, V. E. A. Absenteísmo por transtornos mentais em trabalhadores de saúde em um hospital no sul do Brasil. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 37, n. 1, 2016. Doi: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2016.01.53485>

SANTOS, F. F.; BRITO, M. F. S. F.; PINHO, L.; CUNHA, F. O.; RODRIGUES NETO, J. F.;

FONSECA, A. D. G.; SILVA, C. S. O. Transtornos mentais comuns em técnicos de Enfermagem de um hospital universitário. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 73, n. 1, 2020. Doi: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0513>

SCHMIDT, M. L. G.; BARBOSA, W. F.; ROTOLI, L. U. M. Prevalência de transtornos mentais entre auxiliares e técnicos de enfermagem readaptados no trabalho. *Revista Saúde & Ciência online*, Campina Grande, v. 7, n. 3, p. 23-31, 2018. Doi: <https://doi.org/10.35572/rsc.v7i3.139>

RIBEIRO, E. K. A.; SANTOS, R. C.; ARAUJO, G. K. N.; BRANDAO, B. M. L. S.; SILVA, J. C.; SOUTO, R. Q. Influência da síndrome de burnout na qualidade de vida de profissionais da enfermagem: estudo quantitativo. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 74, p. 1-7, 2021.

SOUSA, C. C. D.; ARAÚJO, T. M. D.; LUA, I.; GOMES, M. R.; FREITAS, K. S. Insatisfação com o trabalho, aspectos psicossociais, satisfação pessoal e saúde mental de trabalhadores e trabalhadoras da saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 7, 2021.

SOUSA, C. C. *Insatisfação com o trabalho e ocorrência de transtornos mentais comuns entre trabalhadores de saúde*. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2017.